

Depois da apresentação dos problemas textuais que acompanham o texto e da explicação da constituição do *stemma codicum*, na última parte da *Introducción* (pp. lxxxvii-cxx), expõem-se os princípios norteadores da edição. Afirma o A. que a sua intenção foi aproximar-se o mais possível do texto original do *Liber medicine ex quadrupedibus* e que o primeiro objetivo por si estabelecido, não obstante as dificuldades decorrentes da reconstrução de um original perdido, foi reconstruir o texto do arquétipo.

No seguimento desta extensa parte introdutória, surgem elencadas as *Fuentes Manuscritas e Impresas*, a saber: manuscritos (pp. cxi-cxii); edições de textos (pp. cxii-cxvi); estudos (pp. cxvi-cxx).

Já na segunda metade deste livro, é apresentado, em edição crítica, na versão latina, o texto do *Liber medicine ex quadrupedibus*, acompanhado de tradução em língua espanhola (pp. 1-53) e seguido de um minucioso e muito enriquecedor *Comentário Filológico* (pp. 55-82).

A engrandecer a obra e a tornar mais fácil a sua leitura, encontramos, no final do volume, dois *Índices* de grande utilidade, tanto para o leitor comum como para especialistas: “Índice de palabras” (pp. 85-93) e “Índice de autores y obras” (pp. 95-98).

Em suma, importa salientar que a organização primorosa e o indiscutível rigor científico que presidiram à elaboração deste livro muito contribuirão para a divulgação do *Liber medicine ex quadrupedibus*, obra “de gran interés para el conocimiento de la medicina altomedieval (concretamente de la medicina zoterápica, un género poco representado) y para el estudio de la historia de la lengua latina y de las formas de transmisión de los textos llamados «vivos»” (contracapa).

Armando Senra Martins, *Cidades europeias nas Cartas de Enea Silvio Piccolomini*. Lisboa, Edições Colibri e Centro de Estudos Clássicos, 2018, 194 pp.: ISBN: 978-989-689-714-7; ISBN: 978-972-9376-42-9.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA⁶ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

A obra em epígrafe constitui uma parte do texto da dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Évora, em 2013, por Armando Senra

⁶ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do con-

Martins, docente da Universidade de Évora e investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Nela, o A. analisa as descrições das cidades europeias de Génova, Basileia, Passau, Viena e Tabor (na Boémia) presentes na correspondência de Enea Silvio Piccolomini (1405-1464), Papa Pio II (1458-1464), que percorreu grande parte da Europa Quatrocentista. Por um lado, examinam-se as relações de intertextualidade entre Piccolomini e autores seus contemporâneos, como Leonardo Bruni, Leon Battista Alberti, Poggio Bracciolini, Pier Candido Decembrio, por outro, estuda-se a relação de tais descrições com o contexto histórico em que foram produzidas, com o percurso biográfico do seu autor e com o seu pensamento sobre a Europa.

Na “Introdução” (pp. 7-14), o A. começa por tecer considerações sobre a “complexidade da ‘espacialidade’ urbana” para, logo a seguir, refletir sobre a interseção de várias áreas do saber, como a Filosofia, a Geografia e a Literatura, “sob diferentes perspetivas e capacidades”, com a “complexidade do fenómeno urbano” (pp.7-8). Centra, todavia, a sua atenção na relação estabelecida entre a Literatura, desde a Antiguidade ao Renascimento, e a temática da cidade, em especial, na forma literária conhecida como *laus urbis*. Depois de apresentar brevemente a história desta forma literária, fazendo referência a vários autores que fizeram o elogio de cidades, como Tucídides, o sofista Élio Aristides (séc. II d. C.), Quintiliano, Hermógenes e Menandro (cf. pp. 9-11), o A. foca a sua reflexão na figura do humanista italiano Enea Silvio Piccolomini, “que viajou por grande parte da Europa (Itália, França, Ilhas Britânicas, Sacro Império)” (p. 11) e que “escreveu sobre cidades de diferentes latitudes culturais”. As suas descrições, mais do que testemunho de uma itinerância, são “uma tentativa de ‘tradução’”, como defende Senra Martins, o que certamente contribui para que, “no universo cultural europeu”, e à semelhança de Erasmo, seja “disputado pela bibliografia nacional de vários países”, como a Alemanha, a Itália, a Suíça e a Áustria (p. 11). Essa itinerância pela Europa Central no cumprimento de missões várias fez de Piccolomini uma “figura de fronteira”, influenciou de forma indelével os seus escritos e, sobretudo, a “sua compreensão do devir histórico na sua relação com o espaço” (p. 12). Apesar dessa tão importante dimensão da sua obra, a verdade é que grande parte da bibliografia

trato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

sobre Piccolomini produzida durante o século XX se centra no singular percurso biográfico do autor. Sem se abstrair dessa dimensão biográfica, o presente estudo foca-se “nas descrições de várias cidades europeias presentes na correspondência do autor”: Génova (1432), Basileia (1433 e 1438), Passau, Viena (antes de 1455) e Tabor (na atual República Checa). O A. pretende, em primeiro lugar, saber se a “travessia de culturas” e a “aprendizagem do espaço” influenciou o discurso, mais ainda, as descrições de cidades apresentadas por Piccolomini; depois, determinar, a partir dos textos referidos, no discurso do humanista, “a traduzibilidade de uma experiência urbana” e identificar “as linhas literárias, ideológicas que definem esse discurso” (p. 14).

No Capítulo 1 (pp. 15-19), o A. empreende uma reflexão “Sobre a epistolografia como género e na obra de Enea Silvio Piccolomini”. Assim, no subcapítulo “1.1. A epistolografia no século XV”, caracteriza em traços gerais a epistolografia do Renascimento, começando por recordar que a descoberta das cartas de Cícero no século XIV (o códice das *Epistolae ad Atticum*, em 1345, por Petrarca, e o códice das *Epistolae ad Familiares*, por Salutati, em 1392) veio pôr em questão a *ars dictaminis*, a teoria medieval da epistolografia. Por influência destas duas coletâneas, a carta deixou de ser apenas um documento oficial para passar a ser “uma conversação entre amigos ou familiares” (p. 15). Apesar do formalismo assente na autoridade do Arpinate que caracterizou o género durante o Renascimento, a flexibilidade era “a sua característica essencial” (p. 16). A partir de meados do século XV a imitação do paradigma ciceroniano deixa de ser a regra e cresce a busca de novos modelos do género, ou seja, de humanistas contemporâneos, como Piccolomini, que chegou a ser recomendado por Erasmo. O A. termina a reflexão aludindo a uma característica essencial do género epistolar do Renascimento: a carta renascentista constitui muitas vezes um instrumento de intervenção “política, diplomática ou cívica”, razão pela qual muitas das cartas de Piccolomini são perspectivadas como “um sumário, dir-se-ia, jornalístico, sobre a situação, os eventos políticos ou os negócios diplomáticos de uma nação” (p. 16).

O subcapítulo seguinte (1.2.) é dedicado à “Epistolografia de Piccolomini como uma obra” e nele se examinam as “considerações e atitudes do autor perante as suas cartas” (p. 15), a partir de duas cartas ao cardeal Zbigniev Olesnicki. Na primeira, datada de 16 de julho de 1450, o humanista explica o critério

adotado para a organização da sua correspondência aquando da sua edição. Um volume continha cartas ‘seculares’, que abordavam assuntos triviais, o outro reunia cartas ‘episcopais’, marcadas pela moderação e sensatez (pp. 16-17). Na segunda carta, datada de 24 de maio de 1452, Piccolomini adverte novamente o destinatário para a trivialidade e insensatez das cartas ‘seculares’, deixando, dessa forma, perceber o desejo de separar de forma clara o percurso por si trilhado antes de ser bispo do período vivido já como eclesiástico assumido. Este critério de organização, acrescenta o nosso A., não impede, todavia, que a sua heterogénea produção epistolográfica não possa ser dividida de outra forma, nomeadamente, em função dos seus diferentes usos; existem, pois, aduz o mesmo, “cartas-tratado”, “cartas-ficção”, “relatórios e “cartas a amigos, familiares e conhecidos”. Estas diferenças, adverte ainda, deverão ser tidas em conta na análise das descrições de cidades que nelas se encontram (pp. 18-19).

O Capítulo 2 (pp. 21-34) é consagrado à descrição da cidade de Génova, que podemos ler numa carta datada de 24 de março de 1432, enviada ao amigo Andreozio Petrucci. Depois de precisar o contexto em que foi escrita, o A. alerta para “alguma variação de registo comunicativo e de diegese” do texto e para as suas implicações na interpretação do mesmo (p. 21). Na página seguinte, recorrendo a um elucidativo esquema (Tabela 1, p. 22), resume a estrutura da descrição de Génova e os tópicos da *laus urbis* presentes no texto. No seu entender, o aspeto em torno do qual se desenvolve a exaltação da cidade é a “moral conjugal e doméstica” dos seus habitantes, em que os homens parecem estar mais interessados no comércio do que em vigiar a *libertas* das mulheres. A “desordem conjugal” observada e descrita interfere no espaço público, mas também no privado: as mulheres não fazem os habitualmente femininos trabalhos domésticos (cozinhar e fiar) e os homens mostram-se negligentes e demasiado complacentes com a liberdade feminina. A economia da cidade também se ressentida desta inversão de papéis: os homens produzem, as mulheres não só não produzem como “consomem todo o tipo de adereços sumptuosos e exóticos” (p. 29). Esta “distorção satírica da cidade de Génova”, considera o A., não impede Piccolomini de reconhecer que a “vitalidade económica” e a organização política” da cidade se refletem esteticamente no espaço urbano. Génova, apesar de marcada pela discórdia civil, pela sucessiva destruição e

reconstrução do seu património, consegue rivalizar em beleza com a emblemática Veneza, eterno símbolo de concórdia.

No subcapítulo “2.1. Génova ou Baden?” (pp. 31-34), o A. mostra até que ponto Piccolomini conhecia o texto de uma carta escrita por Poggio Bracciolini, em 1416, sobre os banhos de Baden. Segundo Senra Martins, “a Génova, como *paradisus feminarum*, é recortada sobre o modelo da cidade termal de Baden com a sua liberalidade de costumes, tal como vem descrita pela pena do humanista florentino” (p. 31), que, por sua vez, fora influenciado pelas imagens de estâncias termais na literatura clássica. A cidade de Siena, onde Piccolomini estudou direito e da qual tinha acabado de sair, acrescenta, “era um centro fechado aos novos horizontes culturais do humanismo”, mas tal não impediu que os “novos gostos” fossem “penetrando em círculos cultos” nem que o humanista tivesse tido acesso à leitura dos clássicos durante os seus anos de formação (p. 33).

O Capítulo 3 (pp. 35-132), o mais extenso de todos, é dedicado ao estudo de duas longas descrições de Basileia, enviadas a três destinatários: a primeira, datada de 1433, a Giuliano Cesarini; a segunda, em 1438, ao bispo de Tours, Philippe de Coëtquis, e ao arcebispo de Milão, Francesco Pizzolpasso (pp. 35). A ligação de Piccolomini a Basileia está intimamente relacionada com o seu percurso biográfico. O humanista viveu na cidade durante uma década (entre a primavera de 1432 e finais de 1442). Foi aí que exerceu as funções de secretário servindo a quatro senhores, foi a partir de Basileia que iniciou as suas viagens para Itália, Países Baixos, Colónia, Inglaterra e Escócia, e foi aí que aprendeu “os meandros da política eclesiástica e europeia” (p. 36). Por conseguinte, a evocação desta cidade assume grande importância na vida do autor, sendo “elemento constitutivo da sua identidade”, como comprovam alguns excertos da sua obra trazidos pelo A. (pp. 36-37).

Após estas considerações de carácter introdutório, no subcapítulo 3.1. (pp. 37-46), tem início o estudo da primeira descrição (1433) da cidade. Primeiramente, o A. contextualiza-a, depois, chama a atenção para o facto de o prólogo ser tão importante quanto a descrição que se lhe segue, já que encerra o “quadro programático que preside e justifica a própria descrição” e, ao mesmo tempo, “é programático para o resto da produção literária do autor” (p. 37). A ideia mais importante a reter será talvez o facto de esta descrição ser consi-

derada por alguns como “a primeira produção literária historiográfica” nascida “dos princípios do humanismo cristão e do seu empenho cívico, ou seja, decorrente de um programa ético” (p. 39). Com a carta em estudo, Piccolomini pretendia estabelecer uma ligação entre Basileia e o Concílio; para o humanista, a *descriptio* “era o gérmen de uma história do Concílio”, pelo que a exaltação da cidade seria prenúncio da grandeza do concílio (pp. 40-41).

Outra característica da carta apontada pelo A. é a sua variedade. Desta, decorre uma articulação livre dos tópicos tradicionais, que surge esquematizada na “Tabela 2: Estrutura da descrição de Basileia (1433)”, p. 41. Nas páginas seguintes (pp. 42-46), são apresentados e comentados os vários elementos que integram a descrição de Piccolomini e que por não ser oportuno não explanaremos aqui.

Nos subcapítulos seguintes, o A. examina o modo como o epistológrafo perspectivava a cidade e os seus habitantes. Em “3.1.1. Organização racional do espaço urbano” (p. 47), comenta o esforço evidenciado por Piccolomini de racionalizar o espaço urbano; em “3.1.2 Lazer da cidade” (pp. 48-49), apresenta-se a descrição piccolominiana dos momentos de ócio vivenciados pela população no espaço urbano; em “3.1.3. Uma cidade ideal” (pp. 49-57), a partir do “retrato da organização política e da exaltação do sentido de justiça que vê nos habitantes”, constata o A. que o humanista “confere a Basileia um aspecto ideal no que diz respeito às instituições de vida em comum” (p. 49); em “3.1.4. Critérios estéticos e culturais” (pp. 57-59), partindo de apreciações feitas pelo próprio, reflete sobre “os limites de Piccolomini em perceber uma realidade estrangeira”, como a “incapacidade em libertar-se das referências culturais e estéticas de Itália” e a “incapacidade e compreender uma realidade social recorrendo a um binómio nobre/plebeu inadequado para uma cidade do século XV” (p. 59); por fim, e como conclusão do capítulo consagrado à primeira descrição da cidade suíça, em “3.1.5. Confronto entre Basileia vista por Piccolomini e Baden vista por Poggio” (pp. 59-71), analisam-se as relações de intertextualidade entre o texto piccolominiano e a carta de Poggio sobre as termas de Baden (os passos comparados encontram-se elencados nas Tabelas 3 e 4, pp. 60-62).

O subcapítulo 3.2. (pp. 71-72) contextualiza a segunda descrição de Basileia (1438). O destinatário desta missiva é diferente do da primeira:

Francesco Pizzolpasso, arcebispo de Milão, “figura importantíssima no contexto cultural do Concílio e que terá mesmo influência no percurso literário de Piccolomini”. Quanto às influências literárias, desta vez, repartem-se entre “a *Laudatio florentine urbis* de Leonardo Bruni e o *De laudibus Mediolanensis urbis panegyricus* de Pier Candido Decembrio” (p. 71).

A análise aturada destes dois modelos da segunda descrição faz-se no subcapítulo “3.2.1. Modelos: a *Laudatio* de Bruni e o *Panegyricus* de Decembrio” (pp. 72-102). O regresso a Piccolomini acontece no subcapítulo 3.2.2. (p. 103). Recorda o A. que o texto da segunda descrição foi enviado a dois destinatários, Philippe de Coëtquis, bispo de Tours e, depois, a Francesco Pizzolpasso, arcebispo de Milão. As duas missivas enviadas “constituem um duplo prólogo à descrição” (p. 103). Assim, em 3.2.3. (pp. 103-104) enquadra-se a produção da descrição piccolominiana de Basileia a partir do primeiro prólogo, ou a carta a Francesco Pizzolpasso; nos subcapítulos seguintes (3.2.4. a 3.2.7, pp. 104-118), após a apresentação esquematizada da “Estrutura da segunda descrição de Basileia (1438)” (Tabela 6, p. 105), estudam-se os problemas enunciados no segundo prólogo à *descriptio*, ou a carta a Philippe de Coëtquis, e que concorrem para o enaltecimento das vantagens da localização de Basileia, a saber: a centralidade e o equilíbrio da cidade. O humanista perspectiva-a como o centro da cristandade (cf. 3.2.5, pp. 107-109), como o centro do Sacro Império Romano-Germânico (cf. 3.2.6., pp. 109-115), em suma, como a “cidade perfeita e acima de todas” (cf. 3.2.7., pp. 115-118).

O subcapítulo 3.3. (pp. 119-127) aborda a “A descrição e as ideias do Concílio de Basileia”. Considerando que o Concílio de Basileia assume “uma importância do ponto de vista político que ultrapassa largamente o âmbito eclesiástico”, o A. pretende indagar “até que ponto isso se reflecte na Basileia de Piccolomini” (p. 119) e questionar “a possível influência das convicções conciliaristas na descrição de Basileia” (p. 121). A análise da segunda *descriptio* revela, na opinião do mesmo, “um interesse pela realidade geopolítica do Império e a consciência de que ele é um ponto nevrálgico da cristandade” (p. 122). Conclui, porém, que não se verifica qualquer “influência do conciliarismo sobre as descrições da cidade, particularmente no que toca à organização social e política da cidade”. Não se vê “na cidade uma ligação entre

instituições sociais e políticas e “o ideário político que orientava o concílio”, pelo contrário, “o que se encontra (...) é um distanciamento” (p. 123).

No último subcapítulo dedicado a Basileia (3.4., pp. 127-132), o A. compara os textos de Piccolomini com dois relatos de viagem do século XV, um da autoria de Pero Tafur, viajante andaluz que “também passa por Basileia por volta de 1438”, outro de Andrea Gatari, “que integrou a delegação veneziana ao Concílio de Basileia entre 1433 e 1435 e que também deixou uma descrição da cidade no seu diário” (p. 127). Depois de analisados ambos os textos, infere-se que as *descriptions* de Pero Tafur ou de Andrea Gatari, não obstante “praticamente contemporâneas das de Piccolomini, não partilham o mesmo quadro de referências humanistas” e que o que as separa dos textos de Piccolomini “é, fundamentalmente, a cultura política com que as descrições do humanista de Siena foram escritas” (p. 130).

Se a centralidade e o equilíbrio são as características exaltadas por Piccolomini na cidade de Basileia, a magnificência é o traço mais enaltecido no que toca a Passau (Capítulo 4, pp. 133-143). A carta em que o epistológrafo descreve, a 22 de julho de 1444, a sua estada no castelo de Ebelsberg, residência do bispo de Passau, Leonhard von Laiming, e, mais tarde, na cidade de Passau tem como destinatário o seu amigo Giovanni Campisio. Para contextualizar a sua redação, o A. recorda que Piccolomini “integrava, juntamente com Kaspar Schlick, chanceler do Império, o séquito do duque da Áustria, Segismundo” e que estes “havam partido de Viena com destino à dieta de Nuremberga” (p. 133). O que mais impressionou o humanista à chegada foi a magnificência com que o bispo recebeu o chanceler e seus acompanhantes.

Como refere o A., a *descriptio* dessa receção integra dois momentos: a ceia oferecida pelo bispo, apresentada “como uma prova da [sua] magnificência”, e o passeio pelo castelo, guiado pelo próprio bispo de Palau (p. 134). Assim, após uma breve contextualização geográfica de Ebelsberg, da descrição da paisagem envolvente e das várias divisões do interior do castelo, Piccolomini passa a descrever Passau. Começa pela hidrografia, para logo se deter na descrição de edifícios como a catedral de Santo Estêvão, o palácio episcopal e outros dois palácios “que o bispo possui na margem oposta do Danúbio”, as residências *Oberhaus* e *Niederhaus*. A descrição dos palácios episcopais e da catedral, à qual se resume, na verdade, a *descriptio* da cidade,

representa, segundo o A. deste estudo, uma oportunidade para exaltar “as qualidades mecénicas do seu bispo, Leonhard von Laiming” (p. 138). Como muito bem salienta, “mais do que um elogio de cidade, o texto é o elogio de uma pessoa” (p. 139), das suas virtudes governativas. Por outro lado, na descrição quer de Elsberg quer de Passau, o epistológrafo revela, pela primeira vez, o seu sentido estético e a sua “sensibilidade para a arquitectura” (p. 139). Em jeito de conclusão, o A. acrescenta um dado precioso para a interpretação desta *descriptio* como um “tributo ao bispo”; no mesmo dia em que Piccolomini escreveu a carta ao seu amigo Giovanni Campisio, enviou ao próprio bispo de Passau outra missiva que incluía um epitáfio para o túmulo que aquele “mandara edificar para si” na catedral de Santo Estêvão, a descrição do próprio túmulo e “a própria epístola a Campisio com a descrição de Elsberg e Passau”, concedendo ao seu possível futuro patrono “o privilégio de a rever antes de a expedir (pp. 140-141).

O capítulo encerra com uma reflexão sobre o “Significado da magnificência” (4.1., pp. 141-143). Conforme foi referido, a descrição de Ebelsberg e de Passau representa “a afirmação de um valor importante: a magnificência”. O enaltecimento da magnificência do bispo Leonhard von Laiming vai ao encontro de “um dos mais importantes elementos do ideário humanista”, ou seja, a “noção de que um governante ou cidadão distinto deveria despende dinheiro no mecenato artístico e arquitectónico” (p. 141). A magnificência do bispo, para Piccolomini, ladeava com a hospitalidade, a liberalidade e a caridade cristã. Sendo estas virtudes complementares, “o retratado”, concluiu o nosso A., converte-se não apenas num “modelo de magnificência mas também de caridade cristã” (p. 143).

A descrição de Tabor (Capítulo 5, Tabor: da cidade à barbárie, pp. 145-151) contrasta bastante com as anteriores. Conforme pode ler-se na p. 177, assim como na badana direita do livro em apreço, a cidade, “foco do movimento Hussita, é apresentada por Piccolomini como o ponto mais baixo em uma escala civilizacional, que, tanto no seu aspecto urbanístico como no seu aspecto cívico, ostenta a desordem que advém da heresia.” No século XV, informa o A., a Boémia foi palco do conflito que opôs os Hussitas, um dos mais importantes movimentos religiosos da época, ao Papado e ao Império. Uma das fações radicais do movimento é a dos Taboristas, que fundaram a cidade de

Tabor. É a esta cidade que Piccolomini, em 1451, na qualidade de chefe de uma missão enviada pelo rei Frederico III, se vê obrigado a pedir acolhimento, quando seguiam viagem para Praga. O episódio é narrado numa carta a Juan de Carvajal, datada de 21 de agosto de 1451. A *descriptio* da cidade surge depois “desse episódio embaraçoso que os levou ao contacto com os hereges” (p. 145).

Após a apresentação e comentário dos passos em que Piccolomini descreve a cidade como a “aldeia” dos Taboritas, na qual “cada um professa a sua própria heresia sob uma total liberdade de crença” (p. 147), o A. conclui que o retrato elaborado pelo humanista de Siena é “injusto e parcial”, mas “que é compreensível que assim fosse”, tendo em conta que Piccolomini era “um adversário dos Hussitas, que não poupa palavras contra o imperador Segismundo”, principal responsável pela elevação do local a cidade e pela legitimação da “posse dos terrenos pelos rebeldes”, e que posteriormente, já como Papa, revogou “as concessões que o Concílio de Basileia fizera ao movimento herético”. Além disso, acrescenta, é conveniente ter em consideração que a missiva é um relatório endereçado ao cardeal Juan de Carvajal, personalidade eminente na cúria romana a quem interessava “prestar um serviço” ou fazer-se notado (p. 151).

Viena surge retratada como uma cidade desregrada no epistolário de Piccolomini (Capítulo 6, pp. 153-171). As “magras referências” àquela que foi uma das “mais importantes cidades no percurso biográfico” do humanista (p. 155) constam de uma carta datada de 4 de junho de 1451 que o mesmo enviou ao conhecido reformador da ordem franciscana, S. João Capistrano, a pedido do burgomestre de Viena, que, por sua vez, queria transmitir ao santo o desejo dos Vienenses de o receberem na cidade (cf. 153). Esta brevíssima *descriptio* pode ser completada por outra que figura em último lugar na segunda redação da *História da Áustria* (cod. Vindob. 3365 da Österreichische Nationalbibliothek), “com o título *Descriptio urbis Viennensis per Poetam Eneam Silvium* sem qualquer indicação de ser uma carta”. Esta descrição de Viena costuma ser dividida em duas partes, uma parte centrada no espaço edificado, a outra “ideológica que considera a *civitas*” (p. 156).

No que respeita à primeira parte, o A. apresenta e comenta os passos em que Piccolomini localiza a cidade e descreve as muralhas e os edifícios públicos (o palácio ducal e as igrejas) e privados. Depois de referir a enumeração das

ordens religiosas e interpretar a caracterização em traços gerais da universidade vienesa (incluindo o tipo de ensino e o ambiente académico), “momento em que o texto opera a transição para a vertente moral e dos valores cívicos” (p. 160), analisa observações do humanista de Siena sobre “as instituições de governo da cidade e o direito em vigor entre os Vieneses” (p. 162).

A segunda parte da *descriptio* corresponde a “um impiedoso retrato do desregramento dos costumes que caracteriza os habitantes” (p. 164). São então analisadas as considerações piccolominianas “sobre o consumo, logística e finanças da cidade” e os costumes desregrados dos cidadãos, considerando o A. que, a partir deste momento, o relato de Piccolomini “assume um registo manifestamente depreciativo” (p. 165). Os habitantes de Viena são descritos pelo epistológrafo como violentos, criminosos, perdulários, preguiçosos, sexualmente descomedidos e dominados pela cobiça (as duas últimas características são atribuídas especialmente às mulheres), “em suma, Piccolomini procedeu mais de acordo com a lógica de um catálogo ou da sátira misógina do que por um esforço de compreensão (por mais incipiente e limitado que fosse)” (p. 169). A interpretação desta *descriptio* não pode, contudo, dissociar-se “das circunstâncias (auto)biográficas” que a contextualizam. Se, na descrição de Génova, defende o autor, Piccolomini “projectara na cidade os desejos, pulsões e imaginações” próprios da sua juventude e caracterizadora dos textos que então produziu, na descrição de Viena, em particular, na *História da Áustria*, “mais velho e ordenado bispo, transporta para a cidade (...) o severo juízo sobre as suas experiências amorosas” (p. 170).

Terminada a análise das descrições das cidades europeias de Génova, Basileia, Passau, Tabor e Viena, o A. está habilitado para inferir uma série de conclusões (“Conclusão”, pp. 173-177). Uma delas, tendo em conta que no conjunto das cidades analisadas apenas Génova é italiana, “e apesar das constantes referências à realidade italiana”, as descrições de Piccolomini constroem-se “a partir de um olhar sobre modos de ser e de viver estrangeiros”. Estas *descriptiones* permitem um conhecimento de realidades estrangeiras, mas também constituem uma forma de autoconhecimento. A escrita do epistológrafo nos textos examinados é, desse modo, autobiográfica, “seja por via dos modelos adoptados (...), seja por afirmação do autor como conhe-

cedor de vastas realidades geográficas, seja enfim pela própria inscrição do autor na realidade enunciada” (p. 173).

Outra ideia importante a reter é a de que o percurso biográfico do humanista influencia de forma inegável as suas descrições, a sua visão da realidade. O Piccolomini autor da *descriptio* de Génova é um Piccolomini muito diferente daquele que descreve Tabor ou Viena, “passou da ingenuidade”, aduz o A., “à sátira ressabiada contra a vida citadina ou à propaganda anti-herética”, pelo que se pode “falar de um arco evolutivo que vai da idealização literária (Génova), passando por uma consideração mais “realista” (Basileia), para terminar com duas cidades em cuja apreciação dominam os estereótipos (Tabor e Viena)” (p. 174).

Depois de passar em revistas todas as descrições sobre as quais refletiu criticamente ao longo dos seis capítulos, reconhecendo embora a parcialidade demonstrada por Piccolomini na apresentação de muitos dos espaços urbanos descritos nas suas cartas e a sua incapacidade para “penetrar a opacidade” de realidades urbanas como a de Tabor, defende, por fim, o nosso A. que o epistológrafo “era um leitor atento do espaço urbano nas suas relações com as sociedades e ideias que o produzem” (p. 177).

No final do volume, na sequência da “Conclusão” e antes do “Índice”, encontramos uma abrangente e muito proveitosa “Bibliografia” (pp. 179-190), dividida em duas partes: “1. Obras de Enea Silvio Piccolomini” (pp. 179-180); “2. Outras fontes” (pp. 180-190).

Em resumo, este livro, publicado sob a dupla chancela das Edições Colibri e do Centro de Estudos Clássicos, brinda o leitor com uma ampla e rigorosa investigação sobre as descrições de seis cidades europeias presentes na correspondência de Enea Silvio Piccolomini, constituindo, por isso, um contributo valioso para o conhecimento da obra deste humanista italiano, em particular, da sua epistolografia, e uma referência essencial no domínio do estudo da literatura humanista e de outras áreas do saber, como a geografia e a sociologia urbanas da Europa de Quatrocentos.